

Abordando a discussão étnico - racial na educação básica através de personalidades negras

Abordando la discusión étnica - racial en la educación básica a través de personalidades negras

Addressing ethnic - racial discussion in basic education through black personalities

Tainá Valente Amaro¹

Claíza Ferreira Jardim Bitencurte²

Resumo

O presente artigo objetiva relatar sobre intervenções feitas por acadêmicos(as) da Universidade Federal do Rio Grande, relacionadas à temática étnico - racial, no contexto da educação básica. Foram realizadas duas atividades no município do Rio Grande entre o ano de 2016 e 2018. Para abordar a temática foi utilizado o jogo chamado “perfil”, onde foram apresentados alguns nomes de personalidades negras da atualidade e também de personalidades históricas que desempenharam um papel de grande destaque na construção da cidadania negra em âmbito mundial. Através dos personagens foram abordadas as temáticas do racismo, da representatividade negra e da discriminação racial. As personalidades mais conhecidas por eles(as) foram jogadores de futebol e cantores(as) negros(as), poucos sabiam a história e existência de líderes e ativistas negros(as).

Palavras-Chave: Educação Básica; Personalidades Negras; Relações étnico-raciais.

Resumen

Este artículo objetiva relatar sobre intervenciones hechas por académicos de la Universidad Federal de Rio Grande, relacionadas a la temática étnico - racial, en el contexto de la educación básica. Se realizaron dos actividades en el municipio de Rio Grande entre el año 2016 y 2018. Para abordar la temática se utilizó el juego llamado "perfil", donde se presentaron algunos nombres de personalidades negras de la actualidad y también de personalidades históricas que desempeñaron un papel de gran destaque en la construcción de la ciudadanía negra a nivel mundial. A través de los personajes se abordaron las temáticas del racismo, la representatividad negra y la discriminación racial. Las personalidades más conocidas por ellos (as) fueron jugadores de fútbol y cantantes negros, pocos sabían la historia y la existencia de líderes y activistas negros (as).

Palabras claves: Educación Básica; Personalidades negras; Relaciones étnico-raciales.

Abstract

This article aims to report on interventions made by academics from the Federal University of Rio Grande, related to ethnic - racial issues, in the context of basic education. Two activities were carried out in the municipality of Rio Grande between 2016 and 2018. To address the theme was the game called "profile", which featured some names of black personalities today and also of historical personalities who played a role of great importance in the construction of black citizenship worldwide. Through the characters the themes of racism, black representativeness and racial discrimination were tackled. The personalities best known to them were soccer players and black singers, few knew the history and existence of black leaders and activists.

Keywords: Basic Education; Black personalities; Ethnic-racial relations.

¹ Acadêmica de Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande. E-mail: tainaamaro@furg.br.

² Acadêmica de História. Universidade Federal do Rio Grande. E-mail: clazabitencurte@gmail.com.

1. Introdução

Este trabalho possui como objetivo relatar a experiência de acadêmicas da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, na inserção da discussão étnico racial na educação básica do município do Rio Grande. Uma vez que, a abordagem dessa temática configura-se como um desafio, ainda hoje na maioria das escolas, contudo algumas iniciativas têm sido feitas principalmente por professores(as) e/ou acadêmicos(as) negros(as).

Dessa forma, mostra-se a importância e ao mesmo tempo que estamos longe da efetivação da implementação da Lei 10.639/03 – que propõe novas diretrizes em todos os campos de ensino para ressaltar a presença da cultura negra na formação da sociedade brasileira e para discutir a questão racial (BRASIL, 2003). É evidente que essa lei não é efetivamente aplicada, fato que prejudica a auto-identificação de uma população que hoje constitui mais da metade do povo em território brasileiro (IBGE, 2016), e que não conhece sua história e a importância de seu trabalho para a construção do país.

É importante destacar que a escola está inserida em contexto maior de desigualdade racial, portanto é refletida e reflexo de todas as transformações e atividades sociais existentes. Sendo assim, torna-se fácil, ao verificar alguns dados, notar a existência da desigualdade, no acesso à educação, referente a cor. Segundo dados do IPEA no censo de 2009 as(os) negras(os) tinham apenas 6,7 anos de estudos, contra 8,4 anos da população branca; 20,2% das crianças brancas entre 0 e 3 anos estavam matriculadas em creches, contra apenas 16,7% de crianças negras. Infelizmente, essas estatísticas refletem anos mais tarde no ensino superior quando apenas 2,3% das pessoas que conseguiram ingressar na universidade são negras, contra 80% de brancas. (IBGE, 2010).

O educador e a educadora por sua vez podem não perceber a reprodução dessas desigualdades em sua escola/sala de aula, mas elas existem e devem ser trabalhadas, através de um olhar atento e escuta ao o que o sujeito negro tem a dizer sobre suas experiências dentro e fora dos muros da escola, somente assim os(os) profissionais da educação podem compreender as especificidades dos estudantes negros e negras (GOMES, 2002).

A fim de erradicar tais desigualdades, em relação ao sistema educacional o plano Plano Nacional de Educação (BRASIL, 2014) em seu artigo 2º possui como diretrizes a:
II - Universalização do atendimento escolar; e a III - superação das desigualdades educacionais, com ênfase na promoção da cidadania e na erradicação de todas as formas de discriminação.

Há quinze anos da promulgação da Lei 10.639/03 e metade da vigência do referido Plano Nacional de educação, é nítido que apenas a existências de leis não é o suficiente para a promoção de uma educação inclusiva e transformadora, é necessário transformações gerais no ensino e na concepção do espaço escolar.

Diante de todas essas dificuldades, pensamos sobre os obstáculos que tornam as trajetórias, daqueles(as) negros(as), que possuem a oportunidade de escolarização, mais difícil. A falta de perspectiva, a vulnerabilidade social, são um destes obstáculos que fazem com que muitas crianças e adolescentes evadam já mesmo na educação básica (VERGULINO, et al.). E o racismo também pode ser um destes fatores, em que pese, a criança e adolescentes negros são excluídos de atividades grupais, muitas vezes não é dado a mão em jogos e brinquedos, é negado o papel de princesa/príncipe, rainha/rei nas peças teatrais escolares, é dado apelidos e nomes pejorativos em relação aos seus traços e feições, que evidenciam sua origem Africana. Quando negamos o direito de brincar, de ser criança, negamos a essa criança toda a gama de possibilidades que ela tem, dificultamos sua capacidade de simbolização, negamos a ela o direito de querer ser quem é, e consequentemente o direito à educação (CUNHA, 1992).

2. As Relações étnico-raciais no contexto escolar

A inserção de atividades sobre a temática étnico-racial, neste contexto de desenvolvimento, onde as crianças passam uma quantidade significativa de seu tempo, e as negras não se percebendo como protagonistas, mesmo na sua própria história, uma vez que desde a educação básica nos é apresentado histórias de servidão, onde nos deparamos com personagens negros submissos, servos e escravos nos livros didáticos e nas exposições em sala de aula. Por sua vez a salvação ou a nossa humanidade sempre vem através do contato com o branco, europeu. Desconsiderando todo o legado que já existente no continente Africano.

Esta deturpação e invisibilização do histórico negro de resistência e de luta, contribui para a não identificação e autodeclaração da negritude por parte das crianças negras. Dificilmente um sujeito vai querer/desejar se identificar com um grupo submisso, que não produziu nada de significativo pra sociedade, como é a imagem ocidental construída de pessoas africanas.

Desse modo, percebe-se a necessidade de se problematizar a presença do racismo nas instituições escolares e o papel reprodutor de desigualdades da escola. Ademais, se faz

necessário compreender quais são as implicações para as crianças, que vivem essa desvalorização e negação de sua identidade constantemente e que não possuem instrumentos para compreender ou lidar com o racismo, na maior parte das vezes velado, que sofrem.

Segundo Cavalleiro (1998) a existência de racismo, preconceito e discriminação, na sociedade brasileira e no contexto escolar, produz prejuízos a todos os indivíduos da sociedade. Mas para os indivíduos negros, ela acarreta:

- 1) auto-rejeição, rejeição ao seu outro igual, rejeição por parte do grupo;
- 2) desenvolvimento de baixa auto-estima, com ausência de reconhecimento da capacidade pessoal, timidez, pouca ou nenhuma participação em sala de aula;
- 3) ausência de reconhecimento positivo de seu pertencimento racial;
- 4) dificuldade de aprendizagem;
- 5) recusa em ir para a escola e exclusão escolar.

Muitas das vezes os profissionais da escola percebem essas situações, mas não a relacionam com o racismo. A falta de material didático apropriado, falta de formação e muitas vezes o não entendimento da relevância da temática, faz com que educadores(as) não possuam essa percepção e não a incluam em seus planos didáticos a discussão étnico-racial, fazendo com que de certa forma siga se perpetuando nos ambientes escolares (ambientes estes que deveriam agregar a diversidade em todas as suas faces) a falta de representatividade negra.

É possível associar essa falta de preparo com a escolarização e formação dos sujeitos que hoje se encontram fora dos bancos escolares, os(as) professores(as), que tiveram em sua formação pouco ou nenhum tipo de formação acerca das relações étnico-raciais, ou seja, a formação desse profissional teve sua base fundamentada no eurocentrismo, sem discussões de diversidades, fazendo com que a adesão e a prática dessas discussões em sala de aula configuraram um obstáculo em suas carreiras profissionais e por consequência na formação da cidadania de seus(as) alunos(as), sendo eles(as) brancos(as) ou negros(as).

Essa formação eurocentrada que tivemos e de certa forma seguimos tendo, faz com que muitas vezes os(as) educadores(as) partam da premissa de que a educação para a diversidade não é algo “primordial” para a sua própria formação enquanto educador(as), e também para a formação e o bem estar dos(as) educandos(as), fazendo com que siga se propagando o velho senso comum: onde o(a) negro é retratado(a) sempre em locais subalternos e depreciativos, onde a democracia racial ainda impera, onde a paz e a harmonia reina entre as três raças, onde o racismo não existe, ou se admite somente em casos extremos e onde a representatividade positiva negra não se faz necessária.

Ainda se levamos em consideração o fato de que o percentual de autodeclaração

enquanto pretos e pardos aumentou cerca de 14,9% e 6,6% respectivamente (segundo dados do IBGE, 2016), demonstra que a falta de representatividade nos mais diversos espaços consiste em um fator preocupante dentro do processo de formação das crianças e adolescentes do nosso país, e que embora sejamos a segunda maior nação negra no mundo a adoção das práticas de educação acerca das relações étnico-raciais e o reconhecimento da contribuição negra e africana na construção histórica do Brasil veio timidamente somente através da implementação da lei 10.639/03 demonstrando um quadro preocupante onde o racismo se faz presente, sendo ainda um grande obstáculo a ser superado.

Por essa perspectiva, a instituição escolar é vista como um espaço sócio-cultural (DAYRELL, 2011) em que aprendemos e compartilhamos não só conteúdos e saberes ditos tradicionais, mas também valores, crenças, hábitos e preconceitos raciais, de gênero, de classe e de idade. Essa experiência pode ser vivenciada de diversas formas, de acordo com o repertório cultural de cada sujeito.

Outrossim, é fundamental pensarmos sobre a força e presença dos movimentos negros neste processo reivindicatório de uma educação pública, gratuita, de qualidade e que quebre o silêncio sobre as relações étnico-raciais.

A fim de que seu povo tivesse a melhor educação possível, ainda nos idos de 1853, o professor Pretextato dos Passos Silva desafiou essa lógica de pensamento escravista e desigual ao criar, no Rio de Janeiro, uma escola que educasse com perfeição e sem coação voltada para as crianças pretas e pardas, de acordo com Videira (2007, p. 90): “A existência do Professor Pretextato dos Passos Silva revela outra faceta invisível da discussão sobre educação brasileira que é a da presença de mobilização social da população afrodescendente pela educação, com base na especificidade étnica.”

Esta é uma discussão impreterível, à medida que o sistema convencional de ensino se mostra inadequado para o segmento negro da população. E, por conseguinte, o espaço escolar mostra-se despreparado e insensível para receber crianças negras, portanto nós enquanto negras e negros educadores, militantes, devemos assumir a responsabilidade de repensar os espaços de educação formal e informal e tornar essa experiência significativamente positiva para nossas crianças e adolescentes.

3. Abordando a temática étnico racial na escola através do Jogo Perfil

A primeira atividade foi realizada em uma escola municipal de ensino fundamental, localizada no centro da cidade, com cerca de 50 participantes, fez parte de um projeto cujo

objetivo era desmistificar e conhecer a África, cujo o público eram estudantes das turmas de 4º ano. Desta maneira priorizou-se a abordagem de forma dinâmica e interativa, a qual pudesse atrair o interesse e proporcionar uma maior participação dos(as) estudantes. A escolha se deu pela adaptação do jogo perfil, somente com personagens negros(as). O jogo originalmente, conhecido como jogo das dicas consiste em: cada carta o(a) jogador (a) terá dicas sobre pessoas, anos, coisas ou lugares, para deduzir de quem é o PERFIL em questão.

A cada rodada, uma carta com um perfil secreto é sorteada. Um(a) a cada vez, os(as) jogadores(as) vão recebendo dicas sobre o perfil secreto em questão. Quanto menos dicas você utilizar para acertar, mais pontos irá ganhar. Por exemplo: 1) Sou jogador de futebol; 2) Joguei no Santos; 3) Sempre mudo meus cortes de cabelo 3) Em 2013, fui para o Barcelona. Se o(a) jogador(a) arriscou “Neymar”, acertou! Mas são contadas quantas dicas ele(a) precisou?!

Ao adaptarmos o jogo, utilizamos somente perfis de personalidades negras como artistas, esportistas, cientistas, ativistas políticos, aqueles que as crianças e adolescentes desconheciam contávamos um pouco de sua atuação história e importância para a luta negra. Alguns nomes que utilizamos na brincadeira foram: Zumbi dos Palmares, Dandara dos Palmares, Luísa Mahin, Luís Gama, Barack Obama, Neymar, Lázaro Ramos, Thais Araújo, Sheron Menezes, Emicida, Mano Brown, Projota, Camila Pitanga, a jornalista Maju, Tereza de Benguela, Angela Davis, Robinho, Ludmila, Gabriel Jesus, Beyoncé, Rihanna, Michael Jordan, Usain Bolt, Carolina Maria de Jesus, Anderson Silva, Martin Luther King, Mike Tyson, Neil Tyson, a primeira mulher negra astronauta Mae Jemison, entre outros.

Na segunda atividade acrescentamos nomes de personagens de desenhos animados por exemplo: Doutora Brinquedos, Moana, a princesa Tiana do filme “A Princesa e o Sapo”, Garnet do desenho animado “Steve Universo” Super Choque, Ciborgue do desenho “Jovens Titãs”, entre outros personagens infantis negros(as) que hoje se encontram em alguns desenhos animados.

A escolha de personagens infantis se deu pelo fato de que na segunda atividade feita, a maioria dos participantes faziam parte de uma faixa etária mais jovem, entre 9 e 12 anos, portanto buscamos através desses personagens que fazem parte do dia-a-dia dessas crianças trazer a temática étnico-racial à tona de forma lúdica e interessante para os participantes do jogo, buscando maior aceitação.

Buscou-se essa metodologia de acrescentar personagens de desenho animado pois acreditamos que se tivéssemos levado apenas personagens historicamente consagrados pelo seu ativismo social não despertaria o completo interesse no jogo, uma vez que grande parte

das crianças que participaram desta atividade pouco conheciam essas personalidades, entretanto quando englobadas nesse universo diverso de personalidades negras, onde o “novo” e o “velho” se misturaram, e através de fotos e estímulos visuais utilizados no multimídia, fizeram com que os participantes se interessassem também nas personalidades que para eles eram desconhecidas até então.

Durante o decorrer da atividade buscou-se constantemente estimular a curiosidade dos participantes através das dicas dadas por nós e pelos colegas que participavam da atividade, por exemplo: Quando travava-se de uma personalidade que pertencia ao mundo da música, era permitido cantarolar algumas frases das canções da personalidade em questão; quando tratava-se de um/uma ator/atriz era autorizado dar dicas de algumas novelas e seriados no qual a personalidade fez parte, assim como quando se tratava de uma personalidade histórica em contexto mundial nós dávamos dicas para que a identidade da personalidade negra fosse descoberta e desta forma, através dessas interações pudemos chegar ao objetivo principal do jogo: trazer ao foco das discussões a temática étnico-racial dentro do espaço escolar.

Diante da situação apresentada durante o jogo, onde essas crianças conheciam somente os jogadores, cantores (as), atrizes e atores que estão na mídia na atualidade, é de suma importância nos perguntarmos o porquê disso ocorrer, tornando-se esta a problemática escolhida para nossa discussão: Partindo da premissa de que o imaginário social historicamente construído agrega impactos reais (positivos e negativos) na vida das pessoas, trazemos a seguinte indagação: Qual o motivo de ainda, nos dias de hoje, as crianças e adolescentes estudantes do ensino básico terem pouco ou nenhum conhecimento acerca da importância do povo negro em nossa sociedade?

4. Discussão

Pode-se dizer que ainda hoje pouco se estuda sobre o papel desempenhado pela população negra brasileira (e mundial), levando grande parte dessas crianças a pensar que a história da população negra se iniciou a partir do processo de escravização, e que este foi o papel mais importante que ocupamos ao longo da história. Esse conceito historicamente construído e a criação desse estereótipo acerca dos negros e negras se consolida e tem o respaldo das grandes mídias que vem ao longo do tempo legitimando esses discursos e esse estereótipo, fazendo com que desde a infância, as crianças negras não queiram relegar para si o papel que o negro ocupa em nossa sociedade por conta desse referencial negativo passado para elas.

De acordo com Piza (1995) A criação de um estereótipo está ligada ao imaginário de um grupo ou de indivíduos e a identidade que o mesmo abraça por querer pertencer a mesma. Quando se identifica com o outro e o considera positivamente ou a que repele por medo, repulsa ou repressão, se distanciando desse outro que vem a ser para ele um estranho ou inferior. Desta forma podemos dizer que o estereótipo está intrinsecamente ligada a ideia do coletivo, de estímulos externos, de construções históricas, bem como a capacidade individual de cada um conceber sua visão de mundo.

Dentro desse processo de se (re)conhecer através da imagem do(a) outro(a) e da representatividade agregada a imagem da população negra, a autoestima é construída, sendo ela uma valorização que o sujeito faz de si mesmo, construída nas suas relações com o mundo. Sendo assim não é natural, dada ou inata ao ser humano. Ela surge nas diferentes formas que nos posicionamos frente às situações vividas ao longo da vida (FRANCO, 2009).

Para Vygotsky (1994), o desenvolvimento da identidade está intrinsecamente ligado aos processos de socialização, formada a partir da relação entre o eu e os outros. É nas interações sociais que a criança negra observa semelhanças e diferenças entre ela e o grupo social que interage, assim, o outro pode servir de referência ou de oposição.

Desta maneira, nos questionamos sobre o impacto de se ver, no outro cientista, cantor, ativista, esportista tem na construção da autoestima de crianças e adolescentes negros e negras (importante destacar que não desvalorizamos as outras profissões subvalorizadas e representadas principalmente por pessoas negras), mas apresentamos a elas outras possibilidades de ser e estar, que outrora não se configurava como uma realidade.

5. Considerações finais

Ao longo das atividades pudemos perceber que os(as) estudantes conheciam a maioria dos(as) artistas e esportistas, principalmente jogadores de futebol, desconheciam a maioria das personalidades que eram ativistas políticos, até mesmo Zumbi dos Palmares ao qual é reconhecido pela data da consciência negra e que geralmente é a única data trabalhada na escola em relação a população negra.

É importante destacar a surpresa e encantamento das crianças e adolescentes ao apresentarmos o astrofísico Neil Degraesse Tyson, a astronauta Mae Jemison e a escritora Carolina Maria de Jesus, pois para eles(as) não era algo “comum” ou uma possibilidade para pessoas negras ocuparem espaços de prestígio que historicamente foram relegadas as pessoas brancas, assim como o ressignificado do que é ser negro, que anteriormente era atrelado a

imagem negativa do feio, do ser dotado de pouca inteligência, do subalterno.

Após as atividades foi possível perceber ao dialogar com os estudantes que até mesmo palavra “negro” acabou sendo desmistificada ao longo do processo, pois durante as atividades alguns participantes tinham receio em falar esta palavra, referindo-se às personalidades enquanto “morenas” e não negras, por medo, receio, ou por estar ofendendo. Ao final das adivinhações conversamos sobre o termo “moreno” e “negro”, e que essa nomenclatura faz parte de características físicas das pessoas em questão e que o fato de chamar um sujeito de negro, por si só não configura uma ofensa, e que esta palavra foi socialmente construída e atualmente ressignificada pelos movimentos de pessoas negras.

Essas atividades propiciaram aos/às estudantes a discussão sobre as relações étnico-raciais, em um ambiente menos tradicional, e de forma mais lúdica e descontraída, onde eles foram agentes ativos no processo de aprendizado e onde foi dado ouvidos e importância a suas dúvidas e questionamentos sem nenhum tipo de tabu.

Portanto, visibilizar a temática racial na escola, é de extrema importância para compreender como se dão as relações raciais e sociais nesse contexto, o qual é o segundo, depois da família, que passamos a maior parte do nosso tempo, contribuindo para nossa formação como sujeitos e cidadãs.

E por visibilizar entendemos não só a realização de atividades pontuais e específicas, o que se torna comum com a obrigatoriedade da Lei 10.639, onde professores/as trabalham a temática étnico-racial apenas no mês de Novembro, mas também na atuação no cotidiano onde; 1) os (as) trabalhadores(as) da escola devem valorizar cada reclamação de ocorrência de discriminação e preconceito no espaço escolar; 2) as vítimas dessas situações não devem ser culpadas por tal acontecimento; 3) quem ofendeu, humilhou ou ironizou o outro sujeito, pautado no seu pertencimento racial, deve ser levado a entender a sua atitude como negativa; 4) a criança/adolescente que traz a reclamação, quando ofendida pelas atitudes de amigos(as) e/ou professores(as), deve receber afeto e ter a certeza de que poderá contar com o respeito de todos(as).

Referências

BRASIL. *Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003*. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 10 jan. 2003a, p. 01.

BRASIL. *Plano Nacional de Educação 2014-2024*. Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014, que aprova o Plano Nacional de Educação (PNE) e dá outras providências. Brasília:

Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2014

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. *Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil*. São Paulo, 1998. Dissertação (Mestrado)-Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 1998.

CARTA, Capital. *Racismo e falta de formação dificultam educação de temas étnicos raciais nas escolas*. Disponível em: <http://www.cartaeducacao.com.br/especiais/vale/racismo-e-falta-de-formacao-dificultam-educacao-de-temas-etnicos-raciais-nas-escolas/>. Acesso em: 19 ago. 2018

CUNHA Júnior, Henrique Antunes. *Textos para o movimento negro*. São Paulo: Edicon, 1992.

DAYRELL, Juarez Tarcisio. A escola como espaço sócio-cultural. In: DAYRELL, J. (Org.) *Múltiplos olhares sobre educação e cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2001, p. 136-161.

FRANCO, Adriana de Fátima. O mito da autoestima na aprendizagem escolar. *Psicol. Esc. Educ. (Impr.)*, Campinas, v. 13, n. 2, p. 325-332, 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-200015&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 20 ago. 2018.

GOMES, Nilma Lino. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou resignificação cultural?. *Rev. Bras. Educ.*, Rio de Janeiro, n. 21, p. 40-51, 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782002000300004&lng=en&nrm=iso. Acesso e: 19 ago. 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - PNAD Contínua*, 2016. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101566_informativo.pdf. Acesso em: 19. Ago. 2018.

PIZA, Edith. Da Cor do Pecado. In: *Rev. Estud. Fem.(UFSC)*. v. 3 n.1. Florianópolis, 1995.

VERGULINO, Ana Rosa; SILVA, Cleiton Sobral e SILVA; Débora Regina Machado. Relações étnico raciais no espaço escolar. *Revista Interação*. 2013.

VIDEIRA, Piedade Lino. Criança negra e discriminação étnica na escola e movimentos pela educação popular. *Padê*, Brasília, v.1, n.2, p. 89-111, jul./dez. 2007.

VYGOTSKY, Lev Semyonovich. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. In: COLEET, Michael et al. (Org.). 5. ed. São Paulo: M. Fontes, 1994.